



## DESAPRENDER A CADA TEMPO EM TEMPOS PANDÊMICOS: CRIANÇAS, ARTES E OUTROS CONTÁGIOS

**Unlearning every time in pandemic times: children, arts and other contagions**

César Donizetti Pereira **LEITE**  
Departamento de Educação  
UNESP/Rio Claro  
Piracicaba, Brasil  
cesar.leite@unesp.br

<https://orcid.org/0000-0001-8889-750X> 

Andréia Regina de Oliveira **CAMARGO**  
Núcleo de Educação Infantil – NEI Paulistinha  
Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)  
Votorantim, Brasil  
acamargo13@unifesp.br

<https://orcid.org/0000-0002-1158-2814> 

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo ●

### RESUMO

Este texto se apresenta como um ensaio, um convite a desaprender com crianças e arte. A proposta se apoiará em projetos que temos desenvolvido com crianças, professoras e professores de Educação Infantil. Em uma composição entre poesias, manifestações artísticas, textos, ideias e imagens produzidas por crianças e professoras em processo inventivo e criativo de resistência, procuramos romper com representações e narrativas previamente colocadas ao trabalho com educação de crianças. Um convite à travessia por caminhos ainda não trilhados, à composições aforísticas, cranceira e arteira que nos coloca em movimento, permitindo adentrar temporalidades e espacialidades contagiantes que mobilizem experiências sensíveis de pensamentos para outras formas de estar no mundo e na educação em tempos de pandemia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Criança. Arte. Invencionices.

### ABSTRACT

This text presents itself as an essay, an invitation to unlearn with children and art. The proposal will be supported by projects that we have developed with children, teachers and Early Childhood Education teachers. In a composition between poetry, artistic manifestations, texts, ideas and images produced by children and teachers in an inventive and creative process of resistance, we seek to break with representations and narratives previously put to work with children's education. An invitation to walk on+ untrodden paths, enchilding and enartisting aphoristic compositions, put us in motion, allowing us to enter contagious temporalities and spatialities that mobilize sensitive thought experiences for other ways of being in the world and in education in pandemic time.

**KEYWORDS:** Child. Art. Inventionhood.

## BLOCO 0 – Introdução

*Eu já disse quem sou ele.  
Meu desnome é Andaleço.  
Andando devagar eu atraso o final do dia.  
Caminho por beiras de rios conchosos.  
Para as crianças da estrada eu sou o Homem do Saco.  
Carrego latas furadas, pregos, papéis usados.  
(Ouço harpejos de mim nas latas tortas.)  
Não tenho pretensões de conquistar a ingloria perfeita.  
Os loucos me interpretam.  
A minha direção é a pessoa do vento.  
Meus rumos não têm termômetro.  
De tarde arborizo pássaros.  
De noite os sapos me pulam.  
Não tenho carne de água.  
Eu pertenco de andar atoamente.  
Não tive estudo de tomos.  
Só conheço as ciências que analfabetam.  
Todas as coisas têm ser?  
Sou um sujeito remoto.  
Aromas de jacintos me infinitam.  
E estes ermos me somam.  
O andarilho, Manoel de Barros, 2013.*

O livro “infância” de Graciliano Ramos (1993) caracteriza-se como uma obra onde se conectam o pessoal, ou ainda dito de modo mais atual, o autobiográfico, o social, a realidade e a ficção. No prefácio da 27a. Edição, Octávio de Faria indica ser essa a obra mais importante de Graciliano Ramos, considerando que “Infância” não se caracteriza como a melhor obra, mas sim como a mais importante. A importância dessa obra se deve ao fato de que a ‘coletânea’ de textos que a compõem se apresenta como uma criação que nos leva ao “criador e o criador levando à criança, ao menino que existiu nele e nunca morreu inteiramente” (RAMOS, 1993, p.251), ou seja, para Faria “Infância” nos coloca diante do que poderíamos chamar de um sentido humano para a vida.

Há muitas situações que chamam a atenção nessa obra, entre elas destacamos, a partir do que indica Octávio de Faria, que o percurso que vai do criador à criança rompe potencialmente com aquilo que a própria obra apresenta. O livro traz a marca de uma vida marcada por agressões, maus tratamentos e brutalidades, um cenário de uma vida que está longe daquilo que podemos idealizar como razoável e ou saudável para uma criança, porém, é exatamente neste contexto que vemos brotar a possibilidade de uma outra infância, uma vida onde vemos desenhar contornos da própria condição humana. É como se a narrativa literária, ou ainda dito de outro modo, é como se a arte, atravessada pelo próprio corpo infantil, corpo maltratado,

humilhado, pudesse fazer nascer dos lamentos uma própria voz que protesta, que resiste, um sopro de alegria.

De modo geral, não podemos separar a vida de uma criança de sua própria condição empírica de existência, não podemos separar nenhuma vida, mas nem tão pouco a das crianças, pois, se por um lado podemos pensar a vida das crianças e a própria ideia de infância como campo extensivo, cronológico, muitas vezes prescritos por determinações identitárias e conceituais, por outro a criança pode também ser pensada como campo intensivo, como um encontro, uma experiência, como aquilo que nos arranca de uma condição dada pelo adulto, uma condição dita e descrita por discursos sobre a criança.

Ao ser tocado pela obra de Graciliano Ramos podemos de imediato pensar que, falar sobre infância e arte não nos remete a trabalhar com prescrições identitárias e modos prévios de olhar e pensar, nem sobre a infância e nem sobre a arte. Falar sobre infância e arte talvez clame por modos poucos usuais dos habituais e convencionais. Muito tem sido dito sobre infância, há muitos discursos sobre a infância, discursos que nos remetem a produzir práticas com as crianças. Muito também tem sido discutido acerca da arte e mesmo da relação entre infância e arte, há em tudo isso certa prolixidade, há em tudo isso um emaranhado de reflexões e coisas a serem pensadas e ditas do que e como fazer para as crianças, Walter Benjamin, já foi categórico nesse aspecto, para o filósofo alemão, “meditar com pedantismo sobre a produção de objetos - cartazes ilustrados, brinquedos ou livros - que deve servir as crianças é estúpido” (BENJAMIN, 1984, p.77), nesta mesma perspectiva Benjamin vai nos oferecendo uma importante reflexão e nos diz que o mundo está repleto de uma multiplicidade de coisas, eventos, objetos, situações que fazem parte do universo das crianças. As crianças exploram esse mundo, em tempos pandêmicos ou não, as crianças dão contornos às suas experiências e com elas criam, simulam, ‘artistam’ diante das possibilidades.

Talvez, escrever e falar sobre infância e arte não seja outra coisa que estar com elas, submersos nelas, tanto na arte como na infância, assim, podemos também apontar que, de modo geral, e sobretudo no campo da Educação Infantil, pensar o trabalho na interface entre estes dois universos (infância e arte), aparentemente tão distintos e ao mesmo tempo tão próximos, seja pensar como a infância possa ser ‘alterada’ pela arte, como a arte possa ser ‘alterada’ pela infância, ou mais ainda, como ambos podem ‘alterar’ os modos de vidas em tempos de pandemia. Tempos que

nos afetam e transitam em nossos corpos, em nossas vidas, fomentando formas de resistência para enfrentar uma pandemia viral e governamental.

Nos trabalhos que temos desenvolvido no I-mago, com produção de imagens, dentre os quais destacamos o “Esquizogesto educação”, realizado em meio a pandemia, no qual convidamos crianças a produzirem vídeos de um minuto, compartilhando as experiências vividas durante o isolamento social, temos podido pensar que o encontro entre a infância e a arte talvez seja pura curvatura, seja pontos frequentes de interrogação, sejam espaços sempre provisórios, de condições de certas instabilidades e que não permitem pretensões de saberes, mas estar com as infâncias (da coisas, dos objetos, das professoras, das crianças) sempre nos faz escapar de toda altivez, de todas as certezas, talvez assim como o próprio espírito artista, arteiro também nos coloca diante da infância, das aberturas do e ao mundo, abertura que implica, produz a necessidades de uma educação do olhar, uma educação do olhar que não se curve a formas dadas por perspectivas prévias, que carregue o ‘olho’ com conceitos, com saberes, com poderes, mas sim, uma educação que nos tire de onde estamos, que abra espaços e tempos e nos coloque atento diante das crianças, das coisas e do mundo. Uma educação do olhar que nos tire de práticas ditas colonizadoras diante das crianças (seja a colonização por um lado ou por outros), pois os modos que lidamos com as crianças nos remetem a formas pelas quais pensamos e concebemos a infância.

Imagem 1: vertigem



Imagem 2: movimento

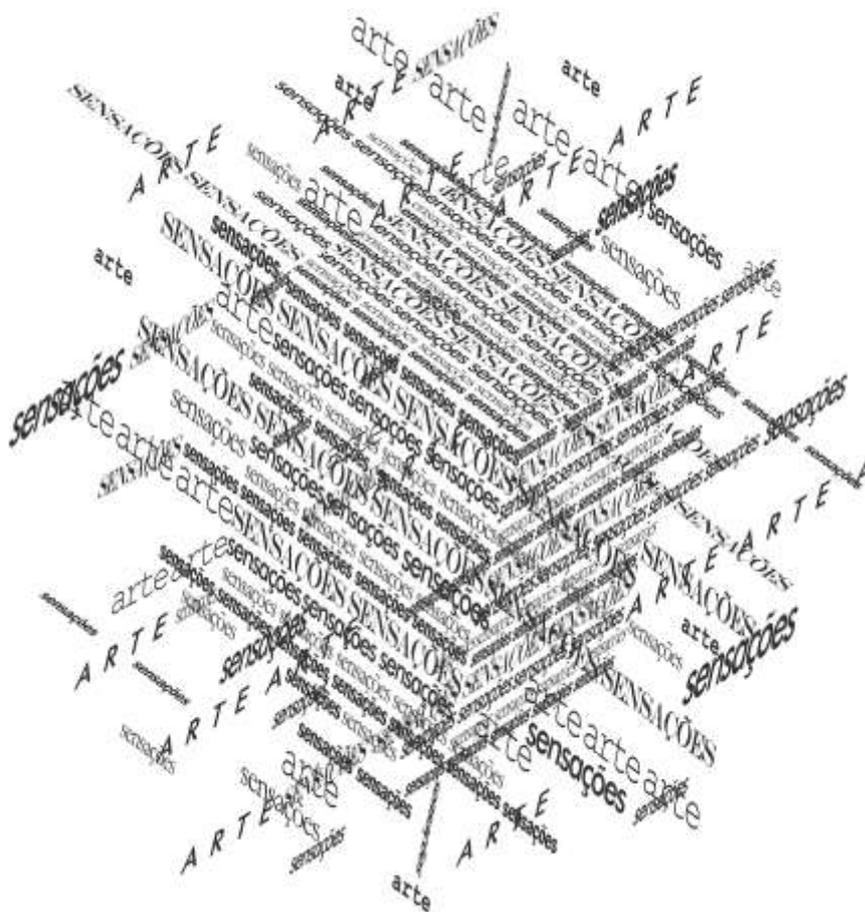


Fonte: Arquivo I-mago

O encontro entre arte e infância talvez, cria em nós, a perspectivas de olhares e experiências infantis com as crianças. Uma experiência ligada, marcada não em uma perspectiva psicológica de eventos vividos em um mundo interior, particular e

privado, mas sim, a experiência como algo ligado a certa exterioridade, a uma dobra do nosso corpo, a um contato com o fora, com as travessias e os percursos, travessias e percursos que povoam (e bem por isso educam) o olhar, o colocam (olhar e corpo) atento ao mundo, à criança, uma educação que acena para uma perspectiva ou um exercício do olhar “povoado pelas aberturas e aos não sentidos da infância, por aquilo que pode ser outra coisa quando a imagem não é clara, não é dada, quando o detalhe toma conta, quando as cores se confundem, quando o rosto perde as marcas, quando o corpo se mistura com outros corpos, de ser corpo definido e se confundindo em pernas, pés, mãos, rostos, ou quando a memória não é dada e a educação não precisa reproduzir, mas inventar, outros tempos, outras imagens, outros olhares” (LEITE, 2016, p.104).

Imagem 3: sem título



Fonte: RIANI, 2016, p.23

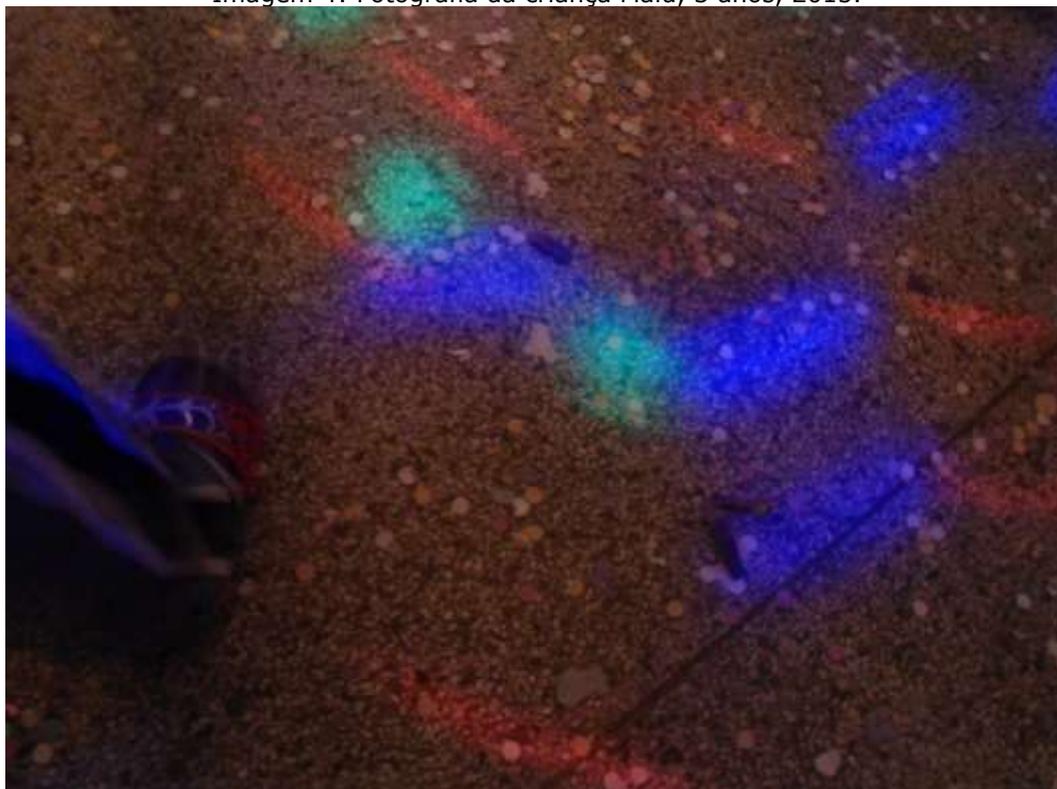
Assim, entre infância e arte as fronteiras não são propriamente o que as separa, mas sim, são ‘linhas’ que ligam, são linhas que produzem um entre, um entre infância e arte e educação. Esse ‘entre’ não pode ser caracterizado como um começo

e ou como um fim, mas, também não pode ser tratado como uma média, uma mediana, o entre é aquilo que define tanto a infância como a arte como blocos, blocos de infância, blocos de arte, blocos de intensidades, blocos de sensações.

No contexto destas discussões este texto será apresentado como blocos, em um movimento de produção e resistência contra a lógica da morte e pela luta a vida, permeada pela potência da arte, da infância e das crianças.

## **BLOCO 1 CRIANÇAS-IMAGENS-DESAPRENDIZAGENS**

Imagem 4: Fotografia da criança Malu, 3 anos, 2015.



Fonte: Arquivo de pesquisa, Andréia R. O. Camargo, 2015.

As pesquisas que temos realizado com crianças, no Grupo de pesquisa I-mago, da Unesp de Rio Claro, convidando-as a produzirem imagens – fotografias e vídeos – tem nos provocado a pensar em formas outras de se relacionar com a pesquisa, com os equipamentos, com a produção de imagens e com as imagens produzidas.

Nos mobilizam a pensar em formas outras de se relacionar com as imagens. Nos desestabilizam, nos colocam em movimento e perturbações constantes.

Perturbam nossas certezas e verdades, inculcadas cotidianamente nas/pelas instituições, sejam elas educativas, religiosas, familiares.

As crianças se arriscam, riscam, rabiscam, ariscam com 'corpos-câmeras, câmeras-corpos', em 'imagenscâmeras em câmeraimagens',

[...] abrem uma perspectiva de olhar o corpo, de olhar com o corpo, corpos retorcidos para focar, para desfocar, corpos aproximados para ver os detalhes, detalhes que produzem sentidos, detalhes nunca vistos, nunca percebidos, detalhes de botões de camisas, de sujeira no nariz, de baba, detalhes de olhares rápidos. Parece que educar o olhar, para ver e trabalhar com as imagens, não é oferecer técnicas, conhecimentos, teorias e sentidos, parece que educar o olhar é lançar o corpo em uma aventura, o olhar não é um privilégio do olho, mas é produto de um corpo que experimenta com as imagenscâmeras em cameraimagens (LEITE, 2013, p.10).

Nos ensinam a desaprender técnicas, teorias, sentidos. Nos levam a sentir bagunçando as ordens e os sentidos estabelecidos. Nos instigam a esquecer o que aprendemos nos livros.

Para atingir sua expressão fontana  
Miró precisava de esquecer os traços e as doutrinas  
que aprendera nos livros.  
Desejava atingir a pureza de não saber mais nada.  
Fazia um ritual para atingir essa pureza: ia ao fundo  
do quintal à busca de uma árvore.  
E ali, ao pé da árvore, enterrava de vez tudo aquilo  
que havia aprendido nos livros.  
Depois depositava sobre o enterro uma nobre  
mijada florestal.  
Sobre o enterro nasciam borboletas, restos de  
insetos, cascas de cigarra etc.  
A partir dos restos Miró iniciava a sua engenharia  
de cores.  
Muitas vezes chegava a iluminuras a partir de um  
dejeto de mosca deixado na tela.  
Sua expressão fontana se iniciava naquela mancha  
escura.  
O escuro o iluminava.  
Miró, Manoel de Barros, 2013.

As crianças nos mobilizam a sentir as imagens com a boca, com os ouvidos, com o corpo todo... pois só com os olhos não basta.

É como um convite para ouvir o silêncio, se iluminar na escuridão, 'ouvir a cor dos passarinhos', perder tempo em tempos de...

[...] para a criança a cor não se reduz a uma simples impressão visual, mas afeta todos os sentidos: ela a aspira, respira, escuta, sorve, degusta [...] A criança reveste a cor. A cor é um espetáculo, uma paisagem que a criança habita e com a qual se mistura. Ela habita a cor que a invade por todos os lados: de onde lhe vem esse poder? (SCHÉRER, 2009, p. 110-111).

Elas nos propiciam encontros com imagens desfiguradas, disformes, desfocadas, estremecidas, desajeitadas.

Suas imagens esbarram, borram, escapam, fogem, recortam, correm, fragmentam, corroem, partem, rompem, expõe.

Imagens do inesperado, do imprevisível, que fogem e nos levam para outros lugares, mundos outros.

Imagens que nos interpelam, nos desestabilizam, nos colocam em entrelugares,

São imagens que nada dizem ou dizem muito, imagens incômodas, vertiginosas, enjoativas, desfocadas, embaçadas, vazias, escuras, cansativas, trêmulas, paradas, corridas, rápidas, lampejos de imagens, mas que nos convidam a pensar com elas, para além delas... (CHISTÉ, 2015, p.28).

Elas não representam, mas nos apresentam a criança, escapando de tudo e todos que a aprisionam,

[...] imagens abertas aos sentidos, aos sensíveis, uma imagem linguagem das coisas, uma imagem fronteira, uma imagem vizinha, partida e compartilhada nas vizinhança, nas fronteiras, uma imagem que recorta a vizinhança, que rompe as fronteiras, uma imagem que não representa a infância, mas apresenta a infância, a criança. (LEITE, 2011, p.131).

Imagem 5: chão



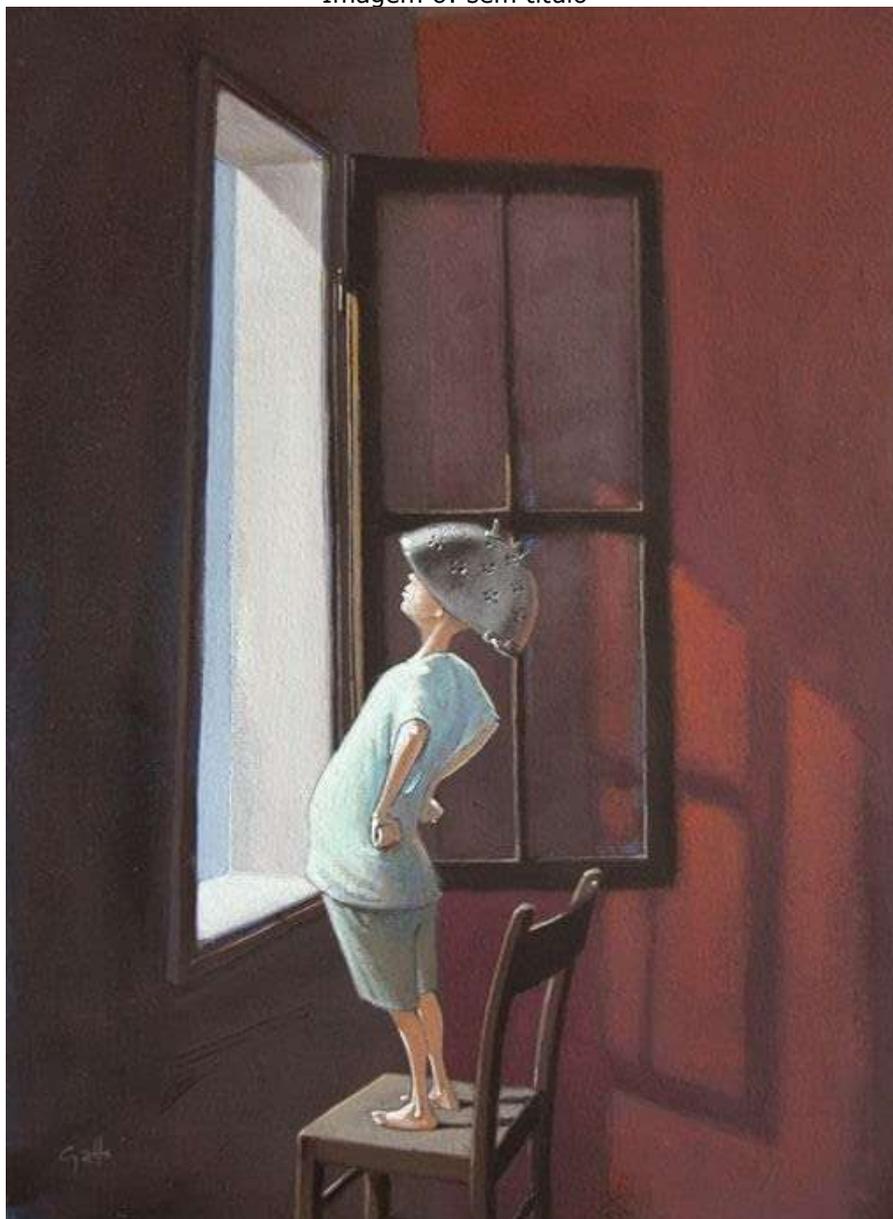
Fonte: Arquivo pessoal da profa. Andréia R. O. Camargo, 2020.

Nos convidam a produzir imagens outras, da escola, da criança, da...

A criança “[...] nos apresenta um mundo de reticências, um mundo pontilhado de possibilidades pelo ritmo cortado, sem sentido fixo, sem sentido dado, sem sentido previsto, sem sentido [...]” (LEITE, 2011, p.116).

## BLOCO 2 ARTE-INFÂNCIA-INVENCIONICES

Imagem 6: sem título



Fonte: obra de Alessandro Gatto. Disponível em: [www.alessodrogatto.com](http://www.alessodrogatto.com)

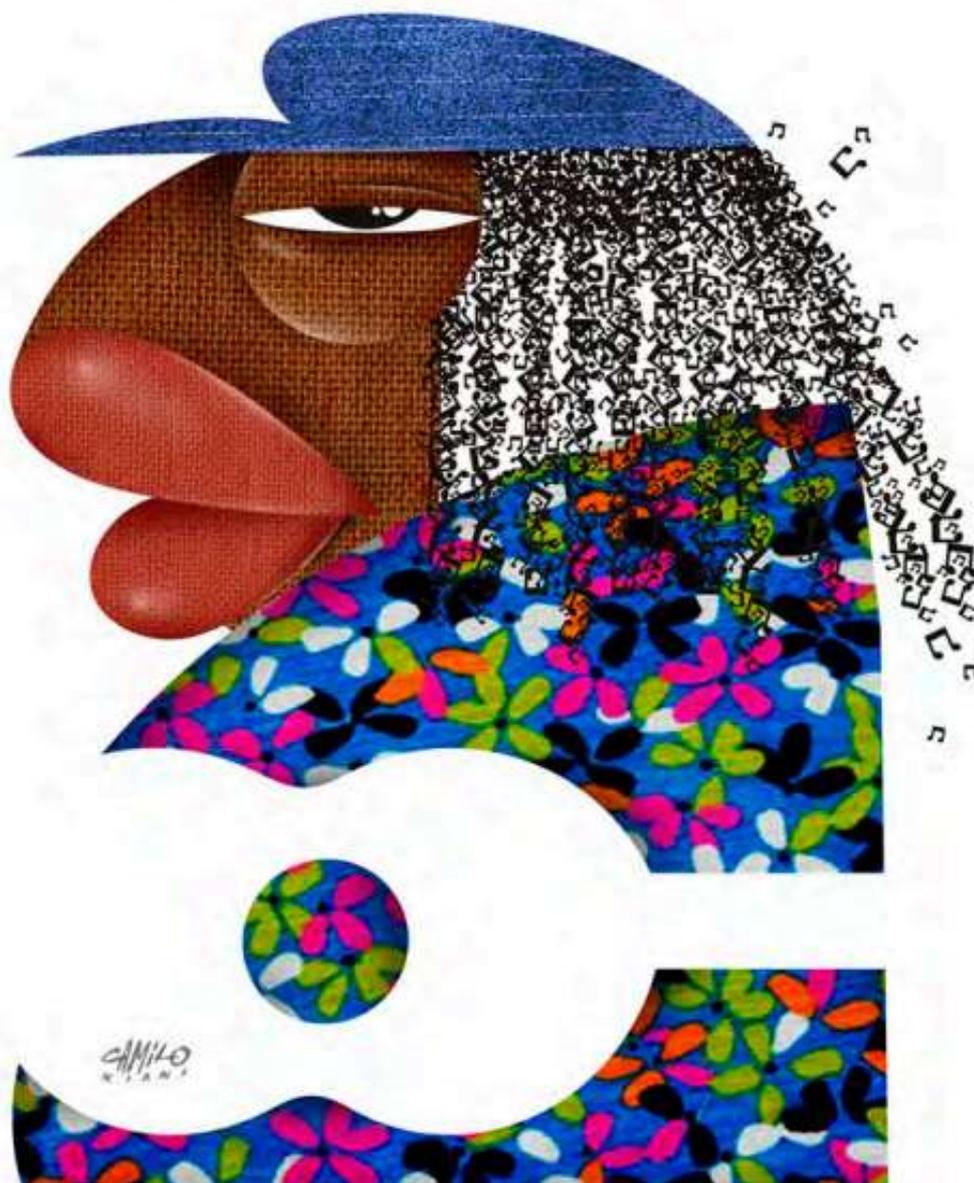
Se pensarmos em formas singulares de sentir, experienciar, intervir, inventar, expressar e estar no mundo, modificando as ordens estabelecidas e instigando nossa imaginação e criação constantemente, não é cabível cindir arte e infância.

Ambas nos convidam a subverter a estrutura dominante e darmos novos sentidos a vida.

Arte enquanto potência para as produções e experiências que perpassam e conectam corpo, cultura e todas as dimensões do ser humano... para que todos e todas possam se expressar, sentir, intervir,

[...] exprimir-se pela pintura, dança, canto, organização de projetos comuns, etc.... Arte para escapar dos modelos e fluxos, e que, em certa medida, crie [...] condições que permitam aos indivíduos adquirir meios de expressão relativamente autônomos e, portanto, relativamente não recuperáveis pelas tecnologias das diversas formações de poder (estatais, burocráticas, culturais, sindicais, da comunicação de massa, etc...) (GUATTARI, 1985, p.54-55).

Imagem 7: sem título



Fonte: RIANI, 2016, p.89

*Há um menino, há um moleque  
Orando sempre no meu coração  
Toda vez que o adulto balança  
Ele vem pra me dar a mão*

*Há um passado no meu presente  
O sol bem quente lá no meu quintal  
Toda vez que a bruxa me assombra  
O menino me dá a mão*

*Ele fala de coisas bonitas que  
Eu acredito que não deixarão de existir  
Amizade, palavra, respeito  
Caráter, bondade, alegria e amor  
Pois não posso, não devo  
Não quero viver como toda essa gente insiste em viver  
Não posso aceitar sossegado  
Qualquer sacanagem ser coisa normal*

*Bola de meia, bola de gude  
O solidário não quer solidão  
Toda vez que a tristeza me  
Alcança o menino me dá a mão*  
Bola de Meia, Bola de Gude, Milton Nascimento

Talvez escrever sobre a arte não seja outra coisa que estar submerso nela e com ela, em nossa própria arte e, portanto, o resultado é uma escrita fragmentária, estilhaçada, restos, farrapos, restos esfarrapados, sensações e pensamentos interrompidos pela presença do outro – o outro conhecido ou não – pela presença do tempo entrecortado de uma escrita entrecortada. (RIANI, 2016, p.09).

Talvez escrever sobre a criança também seja um movimento de 'estar submerso nela e com ela'.

Criança que rompe, interrompe... que permanentemente se encontra em posição "[...] de resistência, de defesa contra o mundo adulto; ela elabora uma estratégia da qual traça as linhas[...]" (SCHEÉRER, 2009, p.206).

Devir-criança que escapa, sai, desprende-se, 'máquina de guerra', linha de fuga da infância inocência, "'bloco de infância' que deixou de ser a infância como lembrança, mas em devir, precisamente, na orientação criadora..." (SCHÉRER, 2009, p.193).



Fonte: Arquivo pessoal da profa. Andréia R. O. Camargo, 2020.

Infância pela criança, tempo curto, intenso, presente, de abertura e espera...  
(LEITE, 2011).

Infância potência, experiência, criação, abertura a um novo início, sempre,

[...] sem pacto, sem falta, sem fim, sem captura; ela é desequilíbrio; busca; novos territórios; nomadismo; encontro; multiplicidade em processo, diferença, experiência. Diferença não numérica; diferença em si mesma; diferença livre de pressupostos. Vida experimentada; expressão de vida; vida em movimento; vida em experiência (KOHAN, 2005, p.253).

Experiências pulsantes. Inventiones arterias, cranceiras, infantis, imagéticas, poéticas.

*"Quem não tem ferramentas de pensar, inventa"*

"Os desobjetos (do acervo do Bernardo)  
1. Prego que farfalha  
2. Uma puá de mandioca  
3. O fazedor de amanhecer  
4. O martelo de pregar água  
5. Guindaste de levantar vento  
6. O ferro de engomar gelo  
7. O parafuso de veludo  
8. Alarme para o silêncio  
9. Presilha de prender silêncio  
10. Formiga frondosa com olhar de árvore  
11. Alicate cremoso  
12. Peneira de carregar água  
13. Besouro de olhar ajoelhado  
14. A água viciada em mar  
15. Rolete para mover o sol"

"Invento para me conhecer"  
Manoel de Barros, 2013.

### Arte-infância-invenção... desterritorialização? 'zona de vizinhança'?

o artista criador: ele não se torna criança, mas compartilha sua vizinhança, intercâmbio entre-os-dois, em que artista fornece-lhe o que ela ainda não tem – a capacidade de dar forma à experiência -, enquanto ele recebe da criança o que deixou de ter, a franqueza de um olhar não obstruído pelos clichês. Devir-criança é retirar da página as imagens e as ideias feitas que constituem outros tantos obstáculos à emergência da obra... (SCHÉRER, 2009, p.208).

### Olhar de não obstrução? Descomparamento? Criação? Desregulação? Invenção?

*Tentei montar com aquele meu amigo que tem um olhar descomparado, uma Oficina de Desregular a Natureza. Mas faltou dinheiro na hora para a gente alugar um espaço. Ele propôs que montássemos por primeiro a Oficina em alguma gruta. Por toda parte existia gruta, ele disse. E por de logo achamos uma na beira da estrada. Ponho por caso que até foi sorte nossa. Pois que debaixo da gruta passava um rio. O que de melhor houvesse para uma Oficina de Desregular Natureza! Por de logo fizemos o primeiro trabalho. Era o Besouro de olhar ajoelhado. Botaríamos esse Besouro no canto mais nobre da gruta. Mas a gruta não tinha canto mais nobre. Logo apareceu um lírio pensativo de sol. De seguida o mesmo lírio pensativo de chão. Pensamos que sendo o lírio um bem da natureza prezado por Cristo resolvemos dar o nome ao trabalho de Lírio pensativo de Deus. Ficou sendo. Logo fizemos a Borboleta beata. E depois fizemos uma ideia de roupa rasgada de bunda. E A fivela de prender silêncios. Depois elaboramos A canção para a lata defunta. E ainda a seguir: O parafuso de veludo, O prego que farfalha, O alicate cremoso. E por último aproveitamos para imitar Picasso com A moça com o olho no centro da testa. Picasso desregulava a natureza, tentamos imitá-lo. Modéstia à parte. Manoel de Barros, 2013.*

Imagem 9: sem título



Fonte: CAMARGO, 2019.

“A arte [...] atinge esse estado celestial que já nada guarda de pessoal nem de racional. À sua maneira, a arte diz o que dizem as crianças” (DELEUZE, 1997, p.78).

Arte para resistir, existir e re-existir aos muitos tempos em tempos de contágio. Movimento político, ético e estético que urge a necessidade de posicionamentos acerca da vida e da criação de forças para outras tantas e possíveis travessias. Entendemos que a arte afirma a potência da criação, mobilizando afetos e afectos para além de compassos estabelecidos, ou seja, a criação pelo desejo.

### **BLOCO 3 TEMPOS-CAMINHOS-CONTÁGIOS-VIDAS**

*Língua  
Índia  
Diga  
Ainda  
Siga  
Sativa  
Sirva  
Pra mim  
Língua  
Gringa*

Gíria  
Egípcia

Imagem 10: sem título



Lira  
Felícia  
Vira  
Latim  
O que vinga vem da mudança  
Língua antiga língua criança  
Brinca  
De vida  
De uma fibra faz-se uma trança  
Da cantiga nasce uma dança  
Língua  
Guaçul

Língua  
Mista  
Ente  
Xiva  
Brisa  
Escrita  
Inca  
Hindu  
Língua  
Liga  
Singra  
Deriva  
Minha  
Saliva  
China  
Xingu  
Uma sílaba de distância  
Uma pétala na balança  
Signei  
Fica  
O que nina e o que descansa  
Compartilham a mesma herança  
Línguarani  
Língua Índia, Arnaldo Antunes

Fonte: pintura de criança do Infantil II, NEI Paulistinha UNIFESP, 2017.

As crianças são conjuntos de forças, de potências devindo. Não param de entrar em paixões, em aventuras, nas cores, em nascimentos. Não se compõem em permanências, mas arrastam suas expedições para outros lugares. Caminham sem sair do lugar, percorrem terras sem mover-se, anulam fim e começo, abalam e destroem os modelos, não começam nem terminam. Estremecem e afetam o céu, a terra, a água, o fogo e até mesmo o som. Força de bagunçar o mundo em seu entorno. Arremesso de rochas. Pilhas de fumaças. Ondas de tempestade. Olhos de ciclone. Vulcões em erupção (CHISTÉ, 2015, p.47).

Criança, arte, infância... descobertas, experiências, potências... contágios que mobilizam rompimentos, fissuras em dogmas e lógicas colonizadoras e escolarizantes que tendem a normatizar e padronizar corpos, espaços e interações. Percurso que contorce os planos e apontam por outras possibilidades em que as crianças nos tiram do lugar e desestabilizam uma ordem posta por adultas/os. Vulcões em erupções que

de longe marcam beleza e de perto trazem destruição e, ao mesmo tempo, vidas que explodem e contagiam. Assim como a arte que evoca explosões e contágios no sentido de bagunçar e burilar como as crianças...

Caminhar, andar, criar percursos, mudar o itinerário, fugir do tempo do capital, inventar um tempo que quebra com a lógica do capital, do controle, um tempo aiôn que não se repete e ao mesmo tempo se perde, se pode perder, como se estivesse num local desconhecido em que a aventura está no perder-se dentro do próprio espaço. A pesquisa do grupo cria esta dimensão do que se afeta, marca o tempo, cria tempos, o acontecimento, se deixa perder, produz a experiência. As crianças brincam com o lixo produzido pela humanidade, como já pontuava Benjamin (1984) e destroem com aquilo demarcado como algo fixo e normatizado como "belo".

A língua criança cria modos de encorajar o inconformismo, de desnudar as desigualdades, pois joga com a palavra, deforma e cria a sua própria "prosa", um brincar que descortina e arremessa, em um emaranhado, onde "a utopia educa também o espírito crítico" (RODARI, 1982, p. 34), um reino de descoisas. Deleuze já sinalizava que a/o adulta/o, um/a criancista traz a criança que habita em nós como um devir, numa desterritorialização que nos arrasta, para aquilo que não fomos ou que fantasmamos enquanto "criança molar da qual o adulto é o futuro".

Os modos, apresentados pelas crianças, penso, a partir de Benjamin, caminhos reais para um verdadeiro movimento revolucionário, pois é nele e por ele que se apresenta outra noção de tempo e de experiência. Não mais um tempo vazio, mas um tempo que escapa ao tempo previsível, ao tempo esperado, ao tempo dado, e oferece um outro tempo, um tempo em que a espera escapa no próprio tempo curto, rápido e por isso potente, intenso, que fica com a gente e que põe a pensar, e do qual não conseguimos falar; apenas experimentar, que foge à palavra, à razão, criando a experiência. (LEITE, 2011, p. 119)

As crianças brincam, são arteiras, desestabilizam a ordem, brincam de ser, estar, fazer, crescer, embaralham, transitam e giram criando vertigens. E neste percurso juntas criam caminhos, possibilidades, aberturas, um ato arteiro, uma forma de fazer política nas formas de existência. Arte e infância se encontram nos gestos, nas crianças, na educação, na vida.

Imagem 11: sem título



Fonte: Fotografia da Professora Carol Hepe, 2019.

## REFERÊNCIAS

BARROS, Manoel. **Biblioteca Manoel de Barros**. Leya, 2013.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões: A Criança, o brinquedo, a educação**. São Paulo: Summus editorial, 1984.

CAMARGO, Andréia Regina de Oliveira. **Foto-grafando Infâncias: experiências imagéticas e poéticas e currículo na educação infantil**. Tese de Doutorado - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Rio Claro, 2019.

CHISTÉ, Bianca Santos. **Devir – Criança da Matemática: experiências educativas infantis imagéticas**. Tese de Doutorado – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Rio Claro, 2015.

DELEUZE, Gilles. O que as crianças dizem. In: DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. São Paulo: Ed.34, 1997. p. 73-79.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2 - vol. 4**. 1ª Reimpressão, São Paulo: Editora 34, 2017.

GUATTARI, Félix. **Revolução molecular: pulsações políticas do desejo**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

LEITE, César Donizetti Pereira Leite. **Infância, experiência e tempo**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

LEITE, César Donizetti Pereira Leite. Cinema, Educação e Infância: Fronteiras entre Educação e Emancipação. **MISCELÂNEOS**. Fermentario, N. 7, Vol. 2 (2013).

LEITE, César Donizetti Pereira Leite. Arte e Pensamento. In: Flores, Maria Bernadete Ramos, Piazza, Maria de Fátima Fontes, Peterle, Patrícia (Organizadoras). **Arte e Pensamento Operações Historiográficas**. São Paulo: Rafaell Copetti Editor, 2016, p. 104.

LEITE, César Donizetti Pereira; CAMARGO, Andréia Regina de Oliveira. infância, imagem e formação docente: entre experiências, saberes e poderes na educação infantil. **childhood & philosophy**, rio de janeiro, v. 14, n. 30, p. 277-296, maio-ago. 2018.

RAMOS, Graciliano. **Infância**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1993.

RIANI, Camilo. **Caricatas**: arte-rostos-humor-experiência. Tese de Doutorado - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Rio Claro, 2019.

RODARI, Gianni. **Gramática da Fantasia**. São Paulo: Summus, 1982.

SCHÉRER, René. **Infantis**: Charles Fourier e a infância para além das crianças. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

## NOTAS

### TÍTULO DA OBRA

### DESAPRENDER A CADA TEMPO EM TEMPOS PANDÊMICOS: CRIANÇAS, ARTES E OUTROS CONTÁGIOS

Unlearning every time in pandemic times: children, arts and other contagions

#### **César Donizetti Pereira Leite**

Doutor em Educação (UNICAMP)

Professor Associado III

Departamento de Educação UNESP/Rio Claro

Pesquisador Nível 2 / CNPQ

cesar.leite@unesp.br

<https://orcid.org/0000-0001-8889-750X>

#### **Andréia Regina de Oliveira Camargo**

Doutora em educação pela UNESP/Rio Claro

Professora de educação básica, técnica e tecnológica (EBBT)

Núcleo de Educação Infantil – NEI Paulistinha

Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

acamargo13@unifesp.br

<https://orcid.org/0000-0002-1158-2814>

### Endereço de correspondência do principal autor

Av: Pompéia, 1500 casa 204, Nova Pompeia, CEP: 13.425-620, Piracicaba-SP, Brasil.

### AGRADECIMENTOS

Inserir os agradecimentos a pessoas que contribuíram com a realização do manuscrito.

### CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

**Concepção e elaboração do manuscrito:** C. D. P. Leite, A. R. O. Camargo

**Coleta de dados:** C. D. P. Leite, A. R. O. Camargo

**Análise de dados:** C. D. P. Leite, A. R. O. Camargo

**Discussão dos resultados:** J C. D. P. Leite, A. R. O. Camargo

**Revisão e aprovação:** C. D. P. Leite, A. R. O. Camargo

#### **CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA**

O conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo não está disponível publicamente.

#### **FINANCIAMENTO**

Não se aplica.

#### **CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM**

Não se aplica.

#### **APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA**

Não se aplica.

#### **CONFLITO DE INTERESSES**

Não se aplica.

#### **LICENÇA DE USO** – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

#### **PUBLISHER** – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

#### **EDITORES** – uso exclusivo da revista

Márcia Buss-Simão e Kátia Agostinho.

#### **HISTÓRICO** – uso exclusivo da revista

Recebido em: 20-10-2020 – Aprovado em: 11-12-2020